



" QUASE DOIS IRMÃOS "

PROD: TAIGA FILMES E VIDEO

ROLO #	CHASSI	METRAGEM
--------	--------	----------

A100

4791

60M

250 D

QUE BOM NOS VER

Por Hanna Esperança

De 1897 até a década de 1960 apenas sete mulheres dirigiram longas no Brasil. Tudo bem, eram outros tempos. Vieram então os anos 70 e 80, junto com lutas políticas e a revolução sexual e algumas outras diretoras começaram a aparecer. Depois os anos 90, com o Cinema da Retomada, quando houve um crescimento considerável de mulheres na direção de longas. Somando tudo isso mais os anos 2000, chegamos ao número 84. 84 é até onde vai a lista de nomes de todas as diretoras que dirigiram longas no Brasil¹. Não, a lista não é de um período ou de uma década, é de toda a cinematografia brasileira. Em mais de 100 anos, apenas cerca de 84 mulheres conseguiram dirigir seus longas.

Visto esse panorama, pode-se dizer, mesmo assim, que os anos 80 configuram-se como um período interessante para as mulheres dentro do Cinema Brasileiro, um predecessor para o Cinema da Retomada. Vindo de outras funções dentro dos filmes nos anos 70 ou apenas dirigindo curtas, é na década de 80 que elas começam a surgir com seus primeiros longas. Suzana Amaral, Adélia Sampaio, Tizuka Yamasaki, Norma Bengell e Lúcia Murat compõem esse quadro tão pequeno de mulheres diretoras brasileiras. Com filmes importantíssimos não só para a representatividade das mulheres no Cinema Brasileiro, mas também como valor histórico nacional que caracterizou uma época e que devem ser lembrados, analisados e estudados de forma tão vigorosa quanto os filmes dirigidos por homens do mesmo período.

As palavras-chave para descrever os filmes dirigidos por mulheres nos anos 80 são, definitivamente, protagonismo feminino. Quase como um pacto necessário de se fazerem representar, de não serem mais coadju-

¹MARCELINO, Adilson. *Boom – Mulheres na Direção*.

Em: <<http://www.mulheresdocinemabrasileiro.com/site/criticas/visualiza/7/Boom-Mulheres-na-direcao>>. Acesso em: 05 de dezembro 2015.

vantes da própria história e, ainda, de se representar sob a própria perspectiva feminina. Suzana Amaral dirige *A Hora da Estrela* (1985), escolhendo adaptar uma obra literária que além da personagem principal ser mulher, também é escrita por uma mulher, Clarice Lispector. O que torna ainda mais interessante a adaptação é que Macabéa (interpretada por Marcelia Cartaxo), a protagonista da história, é completamente comum. Não é bonita ou sensual, é pobre em um emprego com salário reduzido, tem manias excêntricas e não tem nada de extraordinário em sua vida. Suzana Amaral mantém isso em seu filme, não altera as características da personagem ou de sua trajetória para deixá-la mais interessante ou atraente, já que é o fato de ser tão comum e ao mesmo tempo tão estranha com suas manias expostas que nos atrai, que nos faz simpatizar com Macabéa.

Já *Amor Maldito* (1984), de Adélia Sampaio, leva ao filme não só o protagonismo feminino, mas também a temática da homossexualidade feminina, sendo um dos primeiros filmes brasileiros a focar inteiramente no assunto. Baseado numa história real, Adélia Sampaio nos revela um país ainda preconceituoso e calcado na religião quando Sueli (Wilma Dias) morre ao se jogar do prédio de sua esposa Fernanda (Monique Lafond). Fernanda é então acusada de ter matado Sueli e de ter levado a moça para o mau caminho e enfrenta um tribunal que irá julgar sua inocência, sendo exposta a todo momento pelos advogados e pela família religiosa de Sueli. Enquanto o tribunal ocorre, Fernanda relembra dos momentos com a parceira, como se conheceram, o casamento, as felicidades e infelicidades, reconstruindo assim, através de *flashbacks*, a história das duas mulheres.

Doloroso, *Amor Maldito* nos agonia ao mostrar Fernanda no tribunal

tão impotente enquanto dois homens decidem e expõem sua vida, sua sexualidade e ditam o que é verdade ou mentira sobre seus sentimentos em relação a Sueli, enquanto é constantemente chamada de imoral, suja e corrupta pelo simples fato de ser lésbica.

É difícil, até nos dias de hoje, achar um filme que trate da homossexualidade feminina sem sexualizá-la, sem torná-la um mero fetiche masculino pornográfico sob pretexto de representação. *Amor Maldito* consegue alcançar a representação necessária e discutir o assunto sem apelar para o sexo fetichista e raso. Muito mais do que isso, Adélia Sampaio se interessa em falar sobre o amor de duas mulheres, sobre as dificuldades de um relacionamento, sobre a impotência ao não conseguirmos ajudar aqueles que amamos e, ainda, fazer uma série de críticas ao tipo de mundo preconceituoso e misógino que, 31 anos depois, ainda temos que encarar.

Voltando a falar de protagonismo feminino, dois filmes se destacam nesse assunto: *Parahyba Mulher Macho* (1983), de Tizuka Yamasaki e *Eternamente Pagú* (1987), de Norma Bengell. Ambos retratam uma figura feminina histórica importante, sendo o primeiro sobre a poetisa e feminista Anayde Beiriz (interpretada por Tânia Alves) e o segundo sobre a militante e artista Patrícia Galvão, conhecida como Pagú (interpretada por Carla Camurati).

Anayde Beiriz foi amante de João Dantas, homem importante na história da Paraíba e do país por ter sido o responsável pelo assassinato de João Pessoa, e é este aspecto que muitas vezes é lembrado nos livros. Já no filme, Yamasaki se nega a mostrar apenas essa faceta. Anayde Beiriz não é e nem foi apenas amante de João Dantas, e é traçando a história da poetisa desde o começo, quando ainda era menina, que *Parahyba Mulher Macho* mostra quem foi essa mulher que possuía um espírito transgressor

e revolucionário. O corte de cabelo masculino, o envolvimento na política, a defesa pelo voto feminino, o ato de levar educação aos pescadores, a liberdade sexual, sua vivacidade e coragem. Todos esses aspectos são mostrados por Yamasaki, muito além de João Dantas. O relacionamento dos dois é sim explorado, afinal, um foi decisivo para a história do outro, mas lembrando sempre que Anayde Beiriz não se resume ao homem que amou.

Norma Bengell também escolhe apresentar uma faceta diferente de Patrícia Galvão em *Eternamente Pagú*. Apesar de sua literatura e o relacionamento da artista com o Modernismo e, principalmente, com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral estarem presentes por todo o filme, é a militância, a luta e indignação com o cenário político-social brasileiro de Pagú que ganha o maior destaque no filme. Com o país recém-saído da ditadura no período em que o filme foi lançado, era mais do que importante lembrar Pagú e, não só sua insatisfação, mas também sua coragem de agir, persistir e fazer mudar.

Os anos de ditadura deixam feridas até hoje em seus sobreviventes, seus familiares e qualquer um que tenha ouvido sobre o terror que foi esse longo período da história brasileira. *Que Bom Te Ver Viva* (1989), de Lúcia Murat, foi uma cutucada dolorosa em seu tempo e, hoje, não perdeu seu efeito, não ficou velho. É um filme necessário para que lembremos de não nos sentirmos confortáveis com o tempo que passou, de não esquecer da brutalidade que perdurou por tempo demais na história.

Lúcia Murat, assim como as outras diretoras aqui citadas, foi presa e torturada na ditadura. Lúcia Murat é uma mulher que sobreviveu. Mas como contar sua história se ninguém quer ouvir? Se as pessoas preferem o seu silêncio? É daí que *Que Bom Te Ver Viva* surge. Com o título auto-

explicativo, Murat junta em um único filme mulheres que sobreviveram e que, encontraram, finalmente alguém que quisesse ouvir: outras mulheres. Junto a essa parte documental, ainda temos o monólogo feito por Irene Ravache, que divaga através de uma personagem sem nome sobre ser mulher e ter sobrevivido à tortura. Já logo de início, num monólogo cheio de raiva, a personagem olha diretamente para a câmera, para nós, e diz “Todos vocês acham que a gente é diferente só pra fingir que nunca vão estar no lugar da gente, né? Uma forca pra cada um de nós em praça pública. Pode parar, pode parar! Guardem a minha pra quando eu tiver 80 anos! Essa é a minha história e vocês vão ter que me suportar! ”. E assim as mulheres que darão depoimentos para o filme são apresentadas uma a uma.

Parto na cadeia, menstruação no pau de arara, estupro, o uso do corpo como instrumento de tortura... experiências que só poderiam ser compartilhadas e compreendidas por outras mulheres. É a partir de uma perspectiva inteiramente feminina que Lúcia Murat irá dialogar com essas sobreviventes e questionar, sendo ela mesma uma, o modo como a sociedade as silencia e as tratam muito mais como vítimas do que seres humanos.

Mas o filme vai também além de relatos. Ele busca saber como essas mulheres lidam com terror da memória, com as cicatrizes, com os familiares e amigos perdidos, com a maternidade, os relacionamentos e o sexo. Elas sobreviveram à ditadura, mas como sobreviver depois dela?

Eu sou mulher e tenho 19 anos. Eu não passei pela ditadura, eu não tive que lutar pelo voto, eu posso, em teoria, vestir a roupa que eu quiser e cortar meu cabelo do tamanho que preferir. Ainda assim, por que as lutas de todas as mulheres representadas nesses cinco filmes parecem tão atuais? O preconceito, a sexualidade, o abuso que sofremos, a falta de

representação... mesmas lutas em contextos diferentes. Cinco mulheres com cinco filmes distintos, iniciando suas carreiras e montando território para as outras diretoras que estariam por vir, estampando em suas obras mulheres que lutaram, mulheres importantes e também mulheres comuns, sobreviventes. Pode não ser muito, mas é algo. Eu sou mulher e poder se ver representada em uma indústria machista é algo sim. É algo grande.

Afinal, essa é a nossa história e vocês vão ter que nos suportar.

Hanna Esperança